

21790

DECLAMAÇAM EUANGELICA, FUNEBRE, E PANEGYRICA

Na morte do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor

D. MANOEL CAETANO DE SOUSA,

CLERIGO REGULAR, DO CONSELHO DE SUA
Magestade, Pro-Commiffario da Bulla da Santa Cruzada,
Mestre na Sagrada Theologia, Examinador das Ordens Mi-
litares, Instituidor, e Censor da Real Academia da His-
toria Portugueza, e Preposito, que foy duas vezes
da fua Casa da Divina Providencia.

P O R

Fr. SIMAM DE BRITO,

*Religioso da Santissima Trindade, Pregador geral, Ex-Definidor,
Chronista da Provincia de Portugal, Redemptor geral de Cati-
vos, e Consultor da Bulla da Santa Cruzada.*

DADA A LUZ

Pelo P. D. JOAM BAUTISTA DA PONTE,
Clerigo Regular da Casa de Nossa Senhora
da Divina Providencia.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

M. DCC. XXXV.

Com todas as licenças necessarias.

DECLAMACAM

JUAN GELIC

NUMBERT E RANBYRICA

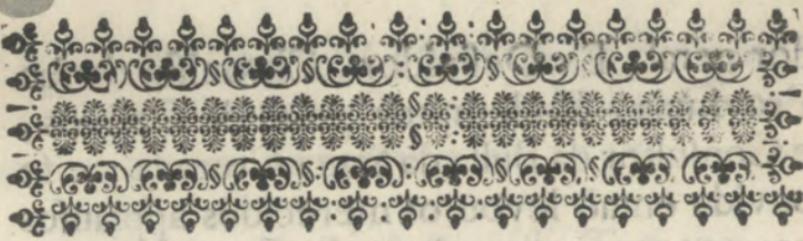
to give to the ... of ...

D. MANOEL CASTANO

DE SOUBA

ERIGIOX GELIC ...

... of ...



LICENÇAS

Do Santo Officio.

O P. M. Fr. João Baptista Troyano, Qualificador do Santo Officio, veja a Declamação funebre, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa Occidental 8. de Fevereo de 1735.

*Fr. Rodrigo Alencatre. Teixeira. Sylva.
Soares. Abreu.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

P Or ordem de Vossa Eminencia revi a Declamação Evangelica, que nas honras do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Manoel Caetano de Sousa recitou O. M. R. P. M. Fr. Simão de Brito, Religioso da Ordem da Santissima Trindade, Pregador

dor geral, Ex-Definidor, Chronista da sua
Provincia, Redemptor geral de Cativos,
e Consultor da Bulla da Santa Cruzada; e se-
ouvida entã levou os merecidos applausos
com as atençaens do auditorio, justo será
que lendo-a os que não tiverã a dita de as-
sistir ao funeral, configuraõ com as noticias
de tão singular Heroe morto a liçaõ de
Orador a todas as luzes benemerito, cujas
luzes de sabedoria ao mesmo passo que res-
plandecem em seu abono, illustraõ com
rayos de doutrina em utilidade dos Leito-
res. O objecto da oraçaõ foy hum Oraculo
de sciencia, hum thesouro de toda a eru-
diçaõ, e hum Sol de sabedoria por tal de
todos venerado, e razaõ era tivesse hum tal
Orador, que com perspicacias de Aguiã lhe
examinasse os resplandores, dando à poste-
ridade na dita oraçaõ como em epitome
cabal noticia de sugeito tão desmedido,
cujos predicados, acçoens, e talento care-
ceraõ de exemplar no nosso seculo, e só o
raro engenho do Orador podia cabalmente
desempenhar com a sua erudiçaõ o assump-
to sem perigarem no obsequio os creditos
da verdade; e como nada encontre a pu-
reza da nossa Santa Fé, ou bons costumes,
jul-

julgo se lhe conceda a licença do Prelo Ita-
censeo, salvo, &c. Carmo de Lisboa Occi-
dental II. de Fevereyro. de 1735.

Fr. Joaõ Baptista Troyano.

Vista a informação, póde-se imprimir
a Declamação Evangelica funebre,
e panegyrica, que se apresenta; e depois
de impressa tornará para se conferir, e dar
licença que corra, sem a qual não correrá.
Lisboa Occidental II. de Fevereyro de
1735.

*Fr. Rodrigo Alencastre. Teixeira. Sylva
Soares. Abreu.*

Póde-se imprimir a Declamação, de
que se trata, e depois de impressa torna-
rá para se conferir, e dar licença para que
corra. Lisboa Occidental 13. de Feve-
reyro de 1735.

Gouvea.



LICENÇAS

Do Paço.

O P. Fr. Lucas de Santa Catharina da Ordem dos Prégadores, e Academico da Academia Real, veja o livro, de que esta Petição trata, e pondo nelle o seu parecer o remetta a esta Mesa. Lisboa Occidental 16. de Fevereyro de 1735.

Pereyra. Teixeira.

S E N H O R.

Vio Sermaõ, de que trata a Petição inclusa, não contém cousa, que encontre o Real serviço de vossa Magestade, antes hum Elogio tão ajustado a hum ponderozo assumpto, e hum assumpto tão digno de hum judiciozo Elogio, que me parece (para premio, e publico conhecimento de hum, e ou-

e outro) se deve repetir, e perpetuar nas
vozes do Prelo. Este he o meu sentir, V.
Magestade ordenará o que for servido. S. Do-
mingos de Lisboa Occidental em 17. de
Fevereiro de 1735.

Fr. Lucas de Santa Catharina.

Que se possa imprimir vistas as licen-
ças do Santo Officio, e Ordinario, e
depois de impressa tornará à Mensa para se
conferir, e taxar, que sem isso não cor-
rerá. Lisboa Occidental 19. de Fevereiro
de 1735.

Pereyra. Teixeira.

VI este Sermaõ, e está conforme com
o seu original. Carmo de Lisboa Oc-
cidental 11. de Outubro de 1735.

Fr. Joaõ de Santiago.

Visto

V Isto estar conforme com o original,
póde correr. Lisboa Occidental 11
de Outubro de 1735.

Fr. R. Alencastre. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.

V Isto estar conforme com o original,
póde correr. Lisboa Occidental 12.
de Outubro de 1735.

Gouvea.

Que possa correr, e taxaõ em cinco-
enta reis. Lisboa Occidental 12. de
Outubro de 1735.

Pereira. Teixeira. Rego.



AVE MARIA.

Videbunt finem sapientis , & non intelligent , quid cogitaverit de illo Deus. Sap. 4. v. 17.



SENDO a morte aquelle formidavel golpe, a que está fugeita toda a vida humana, vidas ha, que para credito da mesma humanidade parece que haviaõ de estar totalmente izentas do rigor da morte. Que chegue a morrer, e acabar a vida aquelle, que pelo desconcerto do entendimento vive no Mundo como defanimado: mostrando em accções, e palavras a grosseria do seu barro, e rude materia, de que teve principio, não he muito, porque a vida da ignorancia na consideração mais justificada, sempre he mais morte, que vida. Mas que chegue a conhe-

cer a morte hum fugeito, que pela fecundidade do engenho, e a elevados voos de hum nobilissimo discurso mostra ter hum entendimento mais que humano, isto he o que chega a lamentar hoje a nossa desgraça; porque só com a duração perpetua de semelhante vida poderia ficar melhor acreditada a nossa natureza. Não se acredita só a nossa natureza, com que passe a melhor figura a rude, e indigesta massa da sua materia, acredita-se sim, com ver, que essa figura he altamente animada, e chega a ser possuidora de hum entendimento em tudo sublime, e delicado; e como a morte tirandolhe a vida pertende reduzir o ser humano à antiqua vileza do seu principio, por isso só na duração perpetua de huma vida sempre discreta, e sempre entendida, he que a natureza se poderia ver dignamente acreditada. Este credito pois, a que regularmente já não pode aspirar a natureza, porque a queda da primeira culpa a fez fugeitar sem remedio à crueldade da Parca, tomou o Ceo muito por sua conta para o dar, e conferir no modo possivel a hum muy prezado filho da sua Providencia.

Quiz

Quiz a Providencia Divina immortalizar a hum filho seu sem faltar ao decreto, que tinha proferido contra a natureza humana, e permittindo se fugeitasse a vida temporal, que lhe dera, ao imperio da morte, não quiz que tambem com ella viesse a acabar a vida da fama. He a vida da fama aquella, que sem embargo da corrupção do tumulo faz que se animem os cadaveres, e se immortalizem os Heroes, e sendo esta huma vida tanto mais preciosa que a outra, quanto vay do caduco ao eterno, do tranzitorio ao perduravel, e do mortal ao immortal: immortal he sem duvida a vida, que concedeo a Divina Providencia ao Illustrissimo Senhor D. Manoel Caetano de Sousa, do Conselho de Sua Magestade, preclarissimo Delegado da Sè Apostolica, vigilantissimo Pro-Commissario da Bulla da Santa Cruzada, doutissimo Censor da Real Academia da Historia Portugueza, rectissimo Examinador das Ordens Militares, e dignissimo Preposito, que foy duas vezes desta taõ illustre, como religiosa Casa; porque não podendo as sombras da morte escurecer os resplandores da sua fama, vemos que os horrores da sepultura

tura se trocaraõ em crescidas luzes de flam-
 mante pyra , para nos persuadirem a infalli-
 vel certeza da sua immortalidade. He a im-
 mortalidade aquella vida , que dura sem
 termo , existe sem limitação , e persevera
 sem fim ; e porque a existencia intermina-
 vel da sua duração he o premio , que se de-
 ve à verdadeira Sabedoria, este he o premio,
 que para hum Sabio taõ digno de fama guar-
 dou, e tinha reservado a Divina Providencia.

Veraõ os homens, diz o Espírito Santo
 nas palavras, que tomey por thema, a mor-
 te do sabio, e não entenderaõ o cuidado,
 que delle teve Deos: *Videbunt finem sapien-
 tis, & non intelligent, quid cogitaverit de
 illo Deus.* Veraõ o como, sendo huma vida
 taõ necessaria ao Mundo todo, e de tanto
 credito para a natureza humana, cede sem
 remedio ao infallivel daquelle golpe, que a
 todos fere, e a todos acaba: *Videbunt fi-
 nem*; e cuidando, que acaba como os de-
 mais homens, a quem nem izenta o privile-
 gio da Sabedoria, nem esconde o desprezo
 da ignorancia: *Moritur doctus similiter, ut
 indoctus*; não sahirá certo o cuidado da sua
 imaginação: *Non intelligent*, porque Deos

Senhor nosso, isto he, o alto Conselho da sua Providencia; diz Menochio: *Consilium Providentiæ Dei*, tem determinado que acaba fim o ser mortal, mas para viver eternamente no futuro: *Ei dare in futuro, scilicet vitam æternam*, diz S. Boaventura. E porque a vida eterna, ou a podemos considerar conforme o literal do Texto, isto he, a que se consegue pela posse da gloria, ou a podemos entender no sentido accommodativo, isto he, a que se adquire pela duração da fama; huma, e outra me parece conseguiu o Illustrissimo Senhor D. Manoel Gaetano de Sousa; a primeira pelo que respeita às virtudes, em que se exercitou, e a segunda pelos muitos dotes, de que foy dotado, e soube ajuntar a essas virtudes. A primeira crê a nossa piedade como retribuição da justiça; e a segunda persuade o nosso discurso como premio da Providencia. A primeira, torno a dizer, crê a nossa piedade como retribuição da justiça, porque se dá a todos os que acabaõ em graça. A segunda persuade o nosso discurso como premio da Providencia; porque se não dá a todos os que merecem a fama. Nem todos os que

me-

Menoch.
ad hunc
loc. apud
Bibiam
maxim.

S. Bona-
vent. in
lib Sapi-
entiæ ad
hunc loc.

merecem a fama conseguem a eternidade de semelhante vida ; porque Deos por altos , e occultos fins da sua Providencia tem negado a muitos o que concedeo a poucos. Muitos acabaõ em graça , e ficaõ sem a gloria da fama : porque em se enxugando as lagrimas do enterro , em cessando os suspiros do sentimento , e em se não ouvindo mais as vozes dos fins , com elles acaba totalmente a sua memoria : *Periit memoria eorum cum sonitu* , diz o Real Profeta. A poucos porém ainda depois de acabado o luto do funeral , e ajustada finalmente a pedra da sepultura , succede não acabar com elles a sua memoria ; porque a Providencia quiz , e tem disposto , que em premio das suas obras tenhaõ na duração do Mundo este genero de immortalidade. Deste modo de proceder taõ contrario ao discurso dos homens , ou desta que parece totalmente desigualdade ao nosso juizo , não podemos pedir contas à mesma Providencia ; porque , sendo-nos sempre incomprehenfíveis as vias , porque caminha , só nos pertence venerar os seus juizos , e admirar os effeytos quando os manifesta. E como

Psalm.
9. v. 8.

no presente caso vemos tão declarada a Providencia Divina a favor do Illustrissimo Senhor D. Manoel Caetano, entendemos que em premio das suas virtudes, e para mayor credito dellas lhe quiz dar a vida eterna, não só na posse da gloria, mas tambem na eternidade da fama: *Ei dare in futuro vitam eternam.*

Quiz pois a Providencia que no Illustrissimo Senhor D. Manoel Caetano de Sousa não acabasse a fama com a vida, para que correspondendo o premio ao merecimento não faltasse a eternidade da mesma fama a huma sabedoria, que merecia ser eterna. Sabedoria eterna bem sey que só a conhecemos em Deos, porque só Deos he a eterna Sabedoria; porém fallando daquella eternidade, a que chamamos evo, isto he, sem fim, mas com principio, fóra de Deos, e daquella eternidade, que não tem principio, nem fim, por beneficio da Providencia eterna será sem duvida a sabedoria deste grande Sabio. Não acabará com o Mundo, nem fenecerá com os homens; porque hum homem de tão avultada sabedoria, como se não fora do Mundo, sóbe a respei-

peitos de superior esféra. Assim o entende o Douto Alano, quando ao considerar os prodigiosos effeytos da sabedoria, diz que esta inestimavel prenda converte o terreno em celeste, o caduco em immortal, e ao homem não menos que em Divindade suprema: *Hæc in celeste terrenum, in immortale caducum, & hominem in Deum deifica mutationis auctoritate convertit.* De forte que assim passa o verdadeyro sabio das realidades de homem às semelhanças de Deos, que se como fosse Deos, e não homem, não teme a morte; porque sempre vive, não sente a corrupção; porque sempre dura, nem o abate o terreno; porque todo he celeste. Esta he a causa, porque muito a pezar dos tempos, que tudo conformem, ha tantos seculos, que vive incorrupta a memoria dos Socrates, dos Pirian-dros, dos Bias, dos Aristoteles, dos Laercios, e sempre respeitada a divindade dos Platões. Esta a razão, porque ainda quando não fora tão grande a Santidade dos Agostinhos, dos Jeronymos, dos Gregorios, dos Thomases, e dos Chrysoftomos, sempre seriaõ venerados como Deoses, ou imagens

Alanus
de com-
plant.
natur.

gens de Deos no templo da Sabedoria. Nem houve motivo mais poderoso para persuadir a nossos primeiros pays a cahirem na tentação do demonio, senão a consideração deste grande privilegio. Disselhes a serpente que comessem do pomo da arvore da sciencia; porque sendo sabios não conhecerao a morte, e seriao verdadeiramente como Deuses: *Nequaquam moriemini :: eritis sicut Dii scientes*; e ainda que a proposta era tao astuta, como falsa; porque o privilegio da sabedoria tendo todo o lugar no theatro da estimacao, o não podia ter na ordem da natureza, com tudo não deixou de ser discreta por força do discurso, e viveza da imaginação. Era a immortalidade promettida propriedade de Deos, e era a semelhança de Deos passar das realidades de homem, e como considerarao tao unidas esta semelhança, e aquella immortalidade, entenderao que conseguindo a sabedoria desejada, logo seriao possuidores de huma vida eterna: *Nequaquam moriemini*.

Genes. 3.

v. 5.

Assim cuidou que por meyo da sabedoria, que desejava, poderia eternizar-se o primeiro homem; mas a vida, que elle não

pode conseguir pela desordem, com que a
appeteceu, a veyo alcançar o Illustrissimo
Senhor D. Manoel Caetano, por ser o pre-
mio, que a Providencia lhe reservou. Re-
servoulhe a Providencia huma vida eter-
na; porque soube ser sabio para Deos, e
para o Mundo. Para Deos nas heroi-
cas virtudes, que exercitou, e para o Mun-
do pelas doutrinas mais certas, com que o
instruhio. Foy sabio para Deos; porque des-
de menino se negou logo ao Mundo, e co-
nhecendo o quanto he perigosa ao estado da
consciencia a vida do seculo, buscou o da
Religiaõ, não por commodo, mas sim por
affecto. Nella viveo com tanta exacção na
observancia de seus sagrados Estatutos, co-
mo nos mostrou em 76. annos de idade a
continuada pratica de repetidos exemplos.
Elle era sempre o primeiro na assistencia
dos carcerees, e para a consolação dos mori-
bundos. Elle o que tinha pelo mayor mimo
os golpes da diciplina, e a aspereza dos ci-
licios. Elle o que melhor se sustentava
com os apertados rigores da abstinencia.
Elle o que tinha por gala mais preciosa os
mayores desalinhos da pobreza Evangelica.
Elle

Elle finalmente o que não chegou a contaminar a pureza da sua vida, nem se affastou hum só ponto da obediencia religiosa. Quem como o Illustrissimo Senhor D. Manoel em taõ alto predicamento de Fidalguia, e em taõ elevado posto de Jerarquia Ecclesiastica mais lhano, e commum na affabilidade do trato? Quem como elle na estimaçaõ, que fazia não só das pessoas benemeritas de toda a honra, mas ainda das que a não mereciaõ tanto, só porque a merecessẽ mais? Quem finalmente como elle no desejo de que luzissem todos, aproveitassẽ nos estudos, e obrassẽ gloriosamente nos postos, e nos empregos? Mas assim havia de ser, se já não he que só elle foy assim, porque visse o Mundo o como era verdadeiramente sabio para Deos, e como Deos queria que fosse sabio: pois não queria só para si a honra, e a doutrina, mas queria que a doutrina, e a honra fosse igualmente de todos.

Quando Christo bem nosso aceitou os titulos de Mestre, e de Senhor, com que o trataraõ os Discipulos no Cenaculo: *Vos vocatis me Magister, & Domine, & bene dicitis,*

citis, sum etenim; diz o Evangelista S. João que logo advertira a todos o imitarem, fazendo com os mais o que elle tinha feito com elles: *Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci vobis, ita & vos faciatis*; que esta advertencia se não limitasse sómente à profunda humildade do lavatorio dos pés, mas se extendesse tambem a outras muitas acções da vida, e procedimento dos Apostolos, he clara exposição da Purpura de Caetano: *In una utique specie officii totum genus officiorum intelligimus*. Que estes officios, ou acções fossem aquellas, em que não só da humildade, mas tambem da caridade tiveffem lugar as atenções, e os obsequios, explicáraõ advertidamente Menoquio, e Tirino: *Non ad literam, ut putarunt S. Ambrosius, & S. Bernardus; sed allegoricè ad obsequia humilitatis, & charitatis invicem exhibendo*. E segundo a explicação proposta podemos entender que como os Apostolos haviaõ de ser no Mundo Mestres, e senhores. Senhores como Principes, e Mestres como Sabios: como haviaõ de ter a honra pelo dominio, e o credito, pela sciencia, que-
ria.

v. 15.

Cardin.
 Caetan.
 ad hunc
 loc. cap.
 23.

noch.
 & Tirin.
 ad hunc
 loc. apud
 Bibliam
 max.

ria o Senhor que para serem Sabios, como deviaõ ser, isto he, para Deos, e segundo a vontade de Deos, era necessario que puzessem muito em pratica a sua imitaçõ. Era Christo Mestre, e era Senhor: *Sum etenim*. E assim como, sendo Senhor, e sendo Mestre, não queria só para si a doutrina, pois lhes communicava a doutrina, e lhes estava dando a honra, tambem elles não deviaõ ser avaros da honra, e da doutrina; mas fim desejar com ansia, e procurar com desvelo que em todos houvesse doutrina, e houvesse honra, para que todos aquelles, com quem trataassem, e tivessem communicaçõ, fossem sempre muy doutos, e muy honrados.

Este exemplo de Christo, e esta imitaçõ dos Apostolos foy por todo o tempo da sua vida a pratica mais commua do Illustrissimo Senhor D. Manoel Caetano. Honrava a todos, e desejava que todos fossem honrados. A todos ensinava, e queria que todos fossem sabios, eloquentes, e advertidos. Nunea se lhe ouvio palavra, ou fezaçãõ, que juntamente para o louvor de Deos não cedesse no mayor abono do seu

Por-

Proximo. Falando-se algumas vezes na sua presença em defeitos tão notorios, que constavaõ a todos por publica sentença, nunca se atreveu a dizer cousa alguma contra as pessoas, de quem se tratava, nem ainda a proferir o menor dos defeitos, que todos sabiaõ. De outras, de quem tinha recebido o que bastava para o mayor escandalo literario, assim as desculpava, e se compadecia do mal que obraraõ, que attribuhia tudo à furiosa payxaõ de huma porfiada loucura. E quem senaõ o Senhor D. Manoel Caetano à vista do escandalo, que tinha recebido, se mostraria tão compassivo em semelhante caso? Quem senaõ elle pretenderia encobrir com a mudez do silencio o que a todos era já tão publico, e manifesto?

Sey eu que, sendo Abigail huma Matrona tão prudente, como celebraõ os Padres, e declaraõ as Esçritturas, não duvidou fallar diante de David, e de todos os que vinhaõ com elle na grosseria, e má condiçaõ de seu marido Nabal: *Virum istum iniquum*; porque sabia muito bem que de todos era conhecida a sua má condiçaõ, e

gros-

grofferia: *Vir ejus durus, & pessimus, & malitiosus.* Sey que o mesmo David escandalizado do máo termo, que com elle usara, tão longe esteve de diffimular o sentimento, que tomou, e mandou tomar as armas para a execuçaõ de hum exemplarissimo castigo: *Accingatur unusquisque gladio suo: accinctusque est David ense suo.*

E supposto que ambos tiveraõ razãõ no que obraraõ; porque não he contra a justiça explicar de alguma sorte hum justo sentimento, nem se offende a equidade com fallar livremente no que está manifesto em publico theatro, com tudo o Senhor D. Manoel Caetano passando a acto mais heroyco não quiz fazer entãõ o que lhe permittia a liberdade terrena, senãõ como Sabio tão digno da eternidade da fama praticar o que na Cadeira da Cruz ensinou a todos a Sabe-doria Divina. Estava Christo bem nosso crucificado pelos Judeos, e constando a todos, como declarou Pilatos, que a causa total daquelle Deicidio não era outra mais que a malicia, a emulaçaõ, e a inveja do povo: *Nullam invenio in eo causam: sciebat enim quod per invidiam tradidissent eum*

Reg. r.

cap. 25.

v. 13.

Merito

provoca-

tus. Lyræ

ad hunc

loc.

Jo. n.

18. v. 28.

Mat. 27.

v. 18.

Luc. 23.
v. 34.

eum; ainda assim no tempo da execução nem o Senhor quiz fallar a seu Eterno Pay contra o procedimento dos aggressores, sendo taõ publica a sua malicia, nem quiz que se castigasse o escandalo, que recebera, sendo taõ justificado o sentimento, com que se achava; antes todo cheyo de compaixão, e misericordia pedia perdaõ para os que o offendiaõ, e desculpava os arrojões de taõ execranda malicia com as acções menos advertidas da ignorancia: *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt.* E isto que entaõ fez a Sabedoria de Christo, he o que depois imitou o Senhor D. Manoel Caetano. Sentia fim o escandalo, mas não queria de alguma sorte o castigo. Recebia a offensa, mas sem proferir queixa a desculpava com o achaque da loucura. Sabia ser publica a iniquidade daquelle procedimento, e ainda assim pretendia encobrilla com o silencio, que praticava. Assim procedia, e assim obrava; porque entendia que naquelles, e semelhantes casos não menos a mudez, que a desculpa ambas pugnavaõ ainda pela mayor honra do seu Proximo.

Deste conceito taõ piedoso, que fazia,

ou

ou deste grande empenho, que mostrava ter na honra do Proximo, nascia sem duvida aquella ansia taõ notavel, com que muito à custa do seu desvelo lhe procurava sempre a sua mayor utilidade, e proveito. Conhecia como verdadeiro Sabio o quanto excede na estimaçaõ qualquer aggregado de boas noticias ao mais alto cumulo das mayores riquezas: *Venit in me spiritus sapientia:: Divitias nihil esse duxi in comparatione illius*; e condenando o descanso proprio ao immenso trabalho de hum continuado estudo, nunca reparou em perder noites, e mal lograr os dias só por aproveitar ao Proximo, e participarlhe o inestimavel thesouro das suas sciencias. Por isso escrevendo entre outras obras aquelles dous grandes tomos sobre a vinda de Saõ-Tiago a Hespanha, assim procurou estabelecer a verdade desta tradiçaõ sem a menor offensa dos que seguiãõ a opiniaõ contraria, que com Textos, authoridades, razões, e doutrinas deixou irrefragavel ao Mundo a vinda do Santo Apostolo; naõ querendo para si desta grande obra nem o applauso da elegancia, nem a gratificaçaõ do desvelo, fe-

Sapient.
7.v.7.

naõ para todos o defengano da questaõ, e o conhecimento da verdade. Este foy sempre o norte, que seguiu em tudo quanto estudou, e quanto escreveu. Este foy tambem o objecto, que se lhe propoz à vista dos olhos, quando a inspirações verdadeiramente soberanas instituhio, e promoveu a preclarissima Sociedade da Real Academia da Historia Portugueza. Nella se havia de tal forte, que disputava sem porfia, lia sem arrogancia, e censurava com justiça. E como na variedade das questoens para a composição da Historia, e para o aproveitamento de todos naõ buscava outra cousa mais, que a averiguação da verdade, taõ facil era em dizer a sua opinaõ, como em ceder da propria, quando conhecia a contraria por mais verdadeira. E isto fim, que he ser Sabio, e Sabio, que vive eternamente nos creditos da fama: porque fechar os olhos do entendimento às luzes da razaõ, teimar no parecer proprio, e naõ admittir a verdade, que se conhece no juizo contrario, he perder totalmente a vida da fama, e ficar morto por toda a eternidade com o mayor descredito.

Que

Que sabio mais famoso, que Lucifer, e que ignorante mais desgraçado, que elle mesmo? Estava Lucifer no mayor auge da sua gloria, sendo hum dos principaes ministros, que occupavaõ a magestosa Aula da Sabedoria eterna: *Plenus sapientiã, & perfectus decore.* Mas porque, naõ obstante conhecer como sabio a impossibilidade, a que o conduziaõ os desordenados dezejos da sua ambiçaõ, fechou os olhos do entendimento, e resolutio em contradizer a verdade naõ quiz admittir a mesma, que conhecia, perdeu com a vida da fama as estimações da sabedoria, e ficou mortalmente condemnado aos desprezos da ignorancia: *Perdidisti in decore tuo sapientiam.* De sorte que tudo veyo a perder Lucifer por obstinado, e teimozo. A sua teima, e a sua obstinaçaõ o reduziraõ ao infeliz estado da mayor miseria: porque perdeu a vida da graça, e ficou morto pela culpa; perdeu o credito da sabedoria, e ficou na deshonra da ignorancia, perdeu finalmente a veneraçã da posteridade, e ficou nos tenebrozos horrores da mayor infamia: *Peribis planè, & in seculum non eris; ut sis infamis,* diz a verbaõ

Ezechiel
28.v.12.

Ven.
Arabic.
a. ud Bi-
bli. max.

Sapient.
7.v.24.

Arabica. He, senhores, a sabedoria tão firme, e tão constante na confissão da verdade, como deve ser docil em a admitir quando a chega a conhecer. Por isso o Espirito Santo lhe chama não sómente movel, e facil de inclinar, mas ainda a mais movel, e facil da inclinação de quantas cousas ha, que se inclinão, e que se movem: *Omnibus enim mobilibus mobilior est sapientia.* Desorte que não está a firmeza, e a constancia do Sabio na inflexibilidade da sua opinaõ, quando não he certa, e a quer persuadir por verdadeira; está sim, e consiste na brandura, e docilidade do genio, com que ouvindo a todos cede com facilidade grande, da que antes imaginava, e se mostra rendido à força da verdade, que se lhe participa. E porque Lucifer com os mais, que lhe eraõ socios na alta Academia da Sabedoria eterna, não quiz ceder ao conhecimento, que tinha da verdade, como fez natureza da obstinação, prezando-se de inflexivel, e não docil, porisso na mayor honra da sua elevação perdeu o credito, e o respeito, e do throno da mais affamada sabedoria, desceu miseravelmente aos calabouços da ignorancia mais

infame, e ignominiosa: *Perdidisti in decore tuo sapientiam:: ut sis infamis.*

Este credito pois de Sabio na eternidade da fama, que perdeu Lucifer por duro, obstinado, e inflexivel, veyo a conseguir o Illustrissimo Senhor D. Manoel Caetano pela brandura do seu genio, e grande docilidade, de que foy dotado. Assim foy Sabio sem presunção, douto sem avareza, e eloquente sem demasia. Assim escreveu tão vasto, como profundo, ensinou tão advertido, como proveitoso, e falou com tanta admiração, como acerto. Por isso teve hum tão grande lugar no alto conceito do nosso Augustissimo Monarca, que não só o attendia com aquella veneração, e respeito, que acreditando aos Vassallos não repugna à grandeza da Magestade, mas fiando do seu cuidado a norma, e direcção da Real Academia, que dezejava estabelecida, confiou tambem do seu zelo a melhor administração do Tribunal da Santa Cruzada. Por isso, não cabendo só no dilatado ambito do nosso Reyno, e Conquistas a grandeza do seu nome, passou a illustrar a melhor parte do Mundo de tal sorte, que ouvindo-o fallar o Biblio-

bliothecario do gram Duque da Toscana, conheceu logo quem era o que lhe fallava, sem ter antes noticia da sua vinda, nem ter visto em algum tempo a sua pessoa. Por isso finalmente assistindo varias vezes em Roma chegou a acreditar a Nação Portugueza com a mayor admiracão daquella Curia, podendo entã gloriarse a cabeça do Mundo de ter em si o melhor entendimento dos nossos seculos.

Mas quando o Illustrissimo Senhor D. Manoel Caetano na fecundidade do seu engenho, na variedade dos seus escritos, e na promptidaõ, e agudeza dos seus argumentos não dèsse ao Mundo todo tão claras mostras da famosa sabedoria, que adquirio, e de que foy dotado, bastavaõ só as diligencias, que fez para conseguir da Piedade Divina a felicidade de huma boa morte, para o conhecermos, e venerarmos por hum Sabio dignissimo da fama, e daquella eternidade, que lhe reservou a Providencia. Estando entã sem mais achaque que o de 76. annos incompletos, e tendo a minha Communnidade a grande honra de vir a esta nobilissima Igreja a celebrar as Exequias do

do Reverendissimo Padre Mestre, e Doutor D. Rafael Bluteau, fugeito tambem de elevada grandeza em toda a República litteraria, e a cuja morte me não atrevo a chamar totalmente perda; porque habitão esta grande Casa filhos tão abalizados em letras, e virtudes, que podem fazer menos sentida a faudade de semelhantes Heroes. Então disse o Illustrissimo Senhor D. Manoel que já desde aquelle dia nos convidava a todos para o seu enterro; porque os annos, em que se achava, o estavaõ continuamente avifando de que não poderia durar por muito tempo o espaço da sua vida. Com esta lembrança procedeu sempre tão cuidadoso, e advertido, que apurando-se cada vez mais no exercicio das virtudes, para nos dar exemplo de humildade, e piedosa veneração aos corpos defuntos, sendo quem era, e em tão elevado posto da dignidade Ecclesiastica, não só não duvidou, mas antes se offereceu, e fugeitou voluntariamente os hombros a levar à sepultura a hum Religioso Trinitario, allegando para este acto o ser tambem nosso irmão pela confraternidade do Sagrado Bentinho. Honra que
en-

entaõ recebeu este candido , e celeste Habito com o mayor apreço , e ficará na nossa memoria taõ eternizada , como a sua fama. Mas chegando finalmente a ultima enfermidade a certificarlo da vizinhança da morte, que actos de conformidade não fez com a vontade de Deos ? Que vezes não repetio o Sacramento da penitencia para a mayor justificação da sua conta , que frequencia não teve da sagrada Communhaõ para a mayor consolação da sua Alma ? Tudo fez , e tudo repetio com muy cuidadosa diligencia, humilhando-se ao Prelado como verdadeiro subdito , e desapropriando-se das cousas de seu uso em comprimento da obrigaçõ, que tinha segundo a pobreza religiosa. A nada faltou o Senhor D. Manoel Caetano até a ultima hora da sua vida. A tudo satisfez com pontualidade , exacção , e maravilhoso exemplo. Mas assim havia de ser este o exemplo , que dèsse a todos no tempo da sua infirmitade , e na occasião da sua morte , para que visse o Mundo o como o agudo de tantas dores , o importuno de taõ repetidas ansias , e o rigor excessivo de taõ dilatada doença , assim como

mo não puderaõ renderlhe as forças do espirito, tambem não puderaõ offuscarlhe as luzes do entendimento. Até a ultima hora quiz o Ceo o conservasse illeso, para que se visse o como era hum Sabio verdadeiramente famoso: porque, se o não saber morrer he huma ignorancia taõ desgraçada, que fica totalmente sem memoria na duração da eternidade, o saber disporse para huma boa morte he sabedoria taõ venturosa, que merece além do premio da Gloria a eternidade da fama.

Sendo Christo bem nosso em todo o tempo sabio, pois era não menos, que a Sabedoria eterna, em nenhum recomendou tanto o Evangelista a fama, ou eternidade da sua Sabedoria, como foy na occasião, em que esteve no Cenaculo; porque se na opiniaõ de Cassiano a repetiçaõ de hum bom nome he fazello gloriozo à posteridade: *Bonum nomen repetitum semper efficitur gloriosum*; o Evangelista não só disse entaõ que Christo era sabio, mas sabio huma, e repetidas vezes: *Sciens quia se-*
nit hora ejus :: Sciens quia omnia dedit ei
Pater in manus :: Sciens quia a Deo exivit ::

Sim.
Cassian.
.8. Epist.
tol.

Joann. 13

Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.
 E isto porque? Porque vio o Evangelista o
 como o Divino Mestre para nos dar exem-
 plo fez nos ultimos dias da sua vida o que
 deve fazer todo o Christaõ para conseguir
 huma boa morte. Entaõ repetio o Senhor
 os actos da caridade mais ardente: *Cum di-
 lexisset, dilexit.* Entaõ rendido aos pès dos
 Apostolos praticou a humildade mais pro-
 funda: *Cepit lavare pedes discipulorum;*
 entaõ se desapropriou do que tinha, largan-
 do pontualmente as cousas de seu uso: *Po-
 nit vestimenta sua.* Entaõ finalmente insti-
 tuindo o Divinissimo Sacramento commun-
 gou seu mesmo Corpo Sacramentado, co-
 mo diz S. Jeronymo: *Ipsè comedens, & qui
 comeditur;* e em cada hum dos Discipulos,
 que commungava, repetia a Cõmunhaõ de
 si mesmo: *Pascitur Christus dum nos pas-
 cit,* disse o grande Novarino. E como o
 Evangelista vio huma disposiçaõ taõ exem-
 plar, e religiosa, ainda naquelle mesmo, que
 naõ tinha necessidade de tal disposiçaõ, disse
 que Christo naõ só era sabio, mas repe-
 tindo muitas vezes o nome: *Sciens, Sciens*
 o recomendou por sabio dignissimo da eter-
 nidade

D. Hier.
 Epist.
 1.º. ad
 Hebd.

Novarin.
 Agn. Eu-
 charist. n.
 1079.

nidade da fama : porque só nas disposições necessarias para huma boa morte he que se manifesta , e conhece com evidencia a sabedoria da mayor ventura , e mais gloriosamente affamada : *Sciens : Sciens : bonum nomen repetitum semper efficitur gloriosum.*

Affim o fez Christo no Cenaculo , sabendo que era chegada a hora da sua morte : *Sciens quia venit hora ejus , ut transeat ex hoc Mundo ad Patrem.* E porque o não fizeraõ Joann. 13. affim as Virgens do Evangelho , sabendo tambem que era chegado o fim da sua vida : *Exierunt , idest de hoc Mundo ;* diz Hugo Cardeal , Hug. ad hunc loc. Mar. 25. ficaraõ totalmente sem a gloria da fama , e lhes veyo a chamar loucas , e ignorantes o Evangelho : *Fatue autem sapientibus dixerunt.* Não ha , senhores , loucura , ou fatuidade semelhante , como he o não saber prevenirse para huma boa morte. E porque o Illustrissimo Senhor D. Manoel Caetano não seguiu o descuido das Virgens do Evangelho , senaõ o exemplo , que nos deu o Divino Mestre no Cenaculo , sendo Sabio dignissimo da fama em todo o tempo da sua vida , ainda o foy mais na occasião da sua morte. Oh grande ventura ! não se dimi-

nuir a fabedoria com a vizinhança da morte, mas fim crescer para a fama, e augmentarse com a mesma morte a fabedoria!

Seneca considerando as perturbaçoens, e anxiedades, que ordinariamente causa no animo dos mortaes a vizinhança da morte, diz que, não havendo no Mundo homem tão nescio, que ignore haverfelhe de acabar a vida, não ha algum, que chegado ao fim da mesma vida, e já proximo a executar-se nelle a crueldade da Parca,

Senec. 7^o
Epistol.

nao chore, não trema, não delire: *Nemo tam imperitus est, ut nesciat sibi quandoque moriendum, tamen cum propè accesserit, tergiversatur, tremit, & plorat.* Tão formidavel he o golpe da sua tyrannia ao sensitivo da natureza humana, que o animo mais forte se converte em temores, o coração mais duro se desfaz em lagrymas, e o entendimento mais vivo se perturba em delirios. Desorte que naquelles dias affim se fechaõ os olhos às luzes da razaõ, como se abre o peito ao ingresso da dor, e o coração se fugeita à posse da cobardia: *Tergiversatur, tremit, & plorat.* E que dicera o Filozofa, se chegasse a ver ao Illustrissimo

trifissimo Senhor D. Manoel Caetano com a morte à vista sem temer a sua crueldade pela perda da vida, nem obrar defacertos pela vizinhança da sepultura; antes com animo inteiro, e o entendimento tão vivo, como lhe foy dotado; fazer tudo o que era preciso para a boa expedição daquella hora? Diria que excedendo as regras commuas da natureza, que era todo o fundamento da consideração do Filozofó, estava collocado em superior esfera por beneficio daquella graça, que do mesmo Seneca não conhecia pela sua cegueira. Diria que o valor Christão, com que esperava por instantes a fatalidade do golpe, era indicio manifesto da grande pureza, e justificação da sua vida; porque, se a huma vida má não pôde corresponder huma morte boa: *Qualis vita, finis ita*, a huma vida tão religiosa era justo que succedesse huma morte tão socegada. Diria finalmente que a sua morte não era morte, senão vida; e não qualquer vida, mas vida de Sabio, que se eterniza com a fama: por que se a fama não chega a celebrar se não huma Sabedoria perfeita, aonde a paz triunfa das tribulaçoens, e aonde

de a quietação não faz caso da importunidade das angustias, ahi he que vive a melhor, e mais perfeita sabedoria, diz Santo Agostinho: *Hæc est pax, quæ datur hominibus bonæ voluntatis. Hæc est vita consummati, perfectique sapientis.*

August. t.
I. de Sermon. Domin. cap.
2. & 3.

Vejaõ agora os que reparando na morte do Sabio não podem entender o que delle tem disposto a Divina Providencia: *Videbunt finem sapientis, & non intelligent quid cogitaverit de illo Deus*, o como a mesma Providencia premiou a hum filho tão benemerito da sua graça, dandolhe não só a vida eterna pela posse da Gloria, como piamente cremos; mas ainda huma vida, perduravel pela eternidade da fama, como nelle admiramos: *Ei dare in futuro vitam æternam*. Voará pois a fama por todas as partes do Mundo sem admittir o menor defcanço a celeridade dos seus voos. Baterá as azas, e levantará a voz, acordando perpetuamente a justa recomendação de hum Heroy de tão admiravel sabedoria. Serão finalmente os ecos do seu clarim os que retumbando sem cessar no ambito das Aulas, se ouçaõ tambem sem perturbação no silencio

cio das Livrarias , para despertar aos que fi-
caõ à imitação das suas virtudes, ao co-
nhecimento das suas letras , e à emula-
ção da eternidade, de que já goza por retri-
buição da justiça, e por beneficio da Provi-
dencia: *Consilium Providentia Dei. Ei dare
in futuro vitam eternam.*



Evangelica oratio
Antônio de Jesus

32

